



CAMPINA, IMAGEM E HISTÓRIA: O CASO DOS POSTAIS.

CAMPINA, IMAGEN E HISTORIA: EL CASO DE LOS POSTALES.

CAMPINA, IMAGE AND HISTORY: THE POSTCARD CASE.

**IGOR MICHEL BRUNO DANTAS (1); ALCÍLIA AFONSO DE ALBUQUERQUE
E MELO (2)**

1. Graduando em Arquitetura e Urbanismo pela UFCG.
Endereço Postal: Rua Getúlio Vargas, 157, primeiro andar, Solânea – PB.
E-mail: igordantax@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0473-6328>

2. Doutora em Projetos arquitetônicos. ETSAB. UPC
Professora adjunta do curso de arquitetura e urbanismo, UFCG
Endereço Postal: Rua Antonio de Sousa Lopes. 100. 1302 A. Catolé. Campina Grande. PB
E-mail: kakiafonso@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-6344-9329>



RESUMO

O artigo que se pretende apresentar, com o título “Campina, Imagem E História: O Caso Dos Postais”, possui como objeto de estudo, um conjunto de três cartões-postais, coletados em um acervo particular mais extenso, pertencente ao Sr. Sérgio Ricardo Marcelino de Oliveira, e que deram origem a uma análise arquitetônica e urbanística, com enfoque patrimonial, das relações que permeiam a arquitetura, a cidade e a fotografia, na cidade de Campina Grande, no agreste da Paraíba, durante os anos 60 e 70 do século XX. O trabalho vem sendo desenvolvido por integrantes do grupo de pesquisa Arquitetura e Lugar (GRUPAL), vinculado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG e cadastrado no CNPq. O trabalho se encaixa no eixo temático “Modernidade, Lugar e Ambiente”. Justifica-se pelo ineditismo do tema abordado em estudos sobre a arquitetura e a cidade, além de denunciar a necessidade imediata de se debater a questão patrimonial moderna em Campina Grande, que anda sofrendo perdas irreparáveis em suas arquiteturas, que são descaracterizadas e demolidas. Dessa maneira, o trabalho se propõe a contrastar as distintas realidades de épocas - um passado orientado por um progresso moderno, presente nas imagens da cidade que se desenvolvia e modernizava, e um presente de descaracterizações e perdas - que desrespeita a história, e a memória dos espaços urbanos e suas arquiteturas.

Palavras-chave: Arquitetura Moderna; Cartografia, Conservação do Patrimônio.

RESUMEN

El artículo que se pretende presentar, con el título "Campina, Imagen e Historia: El Caso de las Postales", tiene como objeto de estudio, un conjunto de tres tarjetas postales, recogidas en un acervo particular más extenso, perteneciente al Sr. Sérgio Que se ha convertido en una de las más antiguas de la historia de la humanidad en el siglo XXI. del siglo XX. El trabajo viene siendo desarrollado por integrantes del grupo de investigación Arquitectura y Lugar (GRUPAL), vinculado al Curso de Arquitectura y Urbanismo de la UFCG y registrado en el CNPq. El trabajo se ajusta al eje temático "Modernidad, lugar y ambiente". Se justifica por el inedito del tema abordado en estudios sobre la arquitectura y la ciudad, además de denunciar la necesidad inmediata de debatir la cuestión patrimonial moderna en Campina Grande, que anda sufriendo pérdidas irreparables en sus arquitecturas, que son descaracterizadas y demolidas. De esta manera, el trabajo se propone a contrastar las distintas realidades de épocas-un pasado orientado por un progreso moderno, presente en las imágenes de la ciudad que se desarrollaba y modernizaba, y un presente de descaracterizaciones y pérdidas- que no respeta la historia, y la memoria de los espacios urbanos y sus arquitecturas.

Palabras clave: Arquitectura Moderna; Cartografía, Conservación del Patrimonio.

ABSTRACT

The article that intends to present, with the title "Campina, Image and History: The Case of Postcards", has as object of study, a set of three postcards, collected in a more extensive private collection, pertaining to Mr. Sérgio Ricardo Marcelino de Oliveira, and that gave origin to an architectural and urbanistic analysis, with a patrimonial focus, of the relations that permeate the architecture, the city and the photography, in the city of Campina Grande, in the agreste of the Paraíba, during years 60 and 70 of the 20th century. The work has been developed by members of the research group Architecture and Place (GRUPAL), linked to the Architecture and Urbanism Course of UFCG and registered at CNPq. The work fits the thematic axis "Modernity, Place and Environment". It is justified by the novelty of the theme addressed in studies on architecture and the city, as well as denouncing the immediate need to debate the modern patrimonial issue in Campina Grande, which is suffering irreparable losses in its architectures, which are decharacterized and demolished. In this way, the work proposes to contrast the different realities of epochs - a past guided by a modern progress, present in the images of the city that was developing and modernized, and a present of decharacterizations and losses - that disrespects history, and memory of urban spaces and their architectures.

Keywords: Modern Architecture; Cartography, Heritage Conservation.



Introdução

As questões que tratam das políticas protecionistas da arquitetura tem sido, pelo menos ao longo das últimas duas décadas, pauta de constantes discussões. Ainda assim, elas seguem sendo consideradas matérias de baixa prioridade nos debates da sociedade, sobretudo fora do âmbito dos círculos acadêmicos especializados na temática.

No caso da produção arquitetônica moderna, pela sua origem mais recente, de caráter menos antigo, o descaso costuma se justificar pela adoção velada de uma noção coletiva bastante questionável: a de que a arquitetura moderna é considerada “nova” demais para ser reconhecida como patrimônio histórico por direito, e “antiga” demais para ser vista como um estilo arquitetônico ainda atual e relevante, visão esta que caso fosse desconstruída, tornaria a modernidade arquitetônica campinense, facilmente inclusa no modelo de cidade atual.

Sendo então um elemento central deste dilema que prolonga-se indefinidamente, a arquitetura moderna segue tendo seus valores socioculturais, históricos, e formais desconsiderados no tocante à sua integridade e preservação. E mesmo com a criação de órgãos institucionais que pregam a urgência da agenda preservacionista deste patrimônio, a sociedade parece não ter o entendimento completo da gravidade desta situação.

Em Campina Grande, na Paraíba, diversos exemplares arquitetônicos encontram-se em precário estado de conservação, passando por severos processos de descaracterização, quando já não foram destruídos por completo, enquanto a população assiste, complacente e quase cúmplice, ao agravamento da situação.

As causas para tamanha falta de resposta social podem encontrar justificativa na ausência de um sentimento de pertencimento da população para com esta produção arquitetônica, da ausência de reconhecimento da importância deste acervo para a história, para a imagem e para a memória da cidade, ou até mesmo do desconhecimento completo sobre noções de cunho patrimonial, conceitos estes que deveriam ser



repassados através de políticas públicas de educação e conscientização, e que por não ocorrerem, tornam o cidadão campinense um ator indiferente à situação do destroçamento arquitetônico local.

Partindo deste pressuposto, pode-se ver os registros em imagem como uma das principais ferramentas de percepção, como também de memória, da arquitetura como um todo.

No caso específico da temática deste trabalho, usam-se as imagens como instrumentos de resgate das arquiteturas que já não existem materialmente, mas também dos exemplares que ainda não sucumbiram, mas que são ignorados por uma cidade que cresce num ritmo acelerado, sem a sensibilidade mais do que necessária para se progredir de forma respeitosa para com o próprio patrimônio construído até então.

No campo imagético, tem-se os cartões-postais como objetos representativos do diálogo entre a arquitetura e a fotografia, sobretudo no século XX. Eles foram ícones difusores de imagens, mensagens e memórias na época, moldando olhares dos lugares que retratavam.

No mundo pós-moderno em que se vive, caracterizado como um plano social onde a “modernidade líquida” predomina, a efemeridade pode ser vista como um mal necessário para a ágil difusão das informações. e com o advento da fotografia digital, dos dispositivos móveis e de outros meios de comunicação que funcionam por modos mais “instantâneos”, a cultura de enviar cartões-postais gradualmente se perdeu, e o costume de enviá-los caiu no esquecimento do público em geral.

E, infelizmente, já existem arquiteturas de caráter mais antigo que sobreviveram somente nas impressões destes cartões ou de algumas fotografias, pois não resistiram à busca incessante por progresso e modernização urbana que Campina sempre pregou, dificultando a criação de uma imagem urbana rica e significativa, em prol do lucro econômico de particulares.

Construções que foram extintas em sua materialidade e apagadas da vivência urbana, mas que foram eternizadas nas impressões antigas dos cartões e na memória de quem as



viu de pé, são os exemplos mais claros do preço que se paga pela negligência social recorrente, citada no começo deste texto.

Mas hoje, o cartão-postal é visto basicamente como artigo de museu. Mas ao partir do pressuposto de que toda fotografia é também documento, e entender o postal como parte deste grande inventário espontâneo da arquitetura moderna e da colcha de retalhos que é a memória urbana coletiva, é possível ressignificá-lo, atribuindo um novo propósito ao antigo postal.

As imagens fotográficas como fontes para a história urbana tem sido tema de diversos trabalhos na área da história em si, assim como também da da história da arquitetura e das cidades, especificamente.

Com o aprofundamento das reflexões para o desenvolvimento do trabalho, algumas questões-chave despontaram. Como um objeto até então simples e desprezioso, como um postal, pode contribuir para a conscientização da questão patrimonial e urbana de uma cidade como Campina Grande? Como, então, pode-se lançar mão de um instrumento considerado obsoleto pela contemporaneidade para trazer foco às questões atuais do patrimônio campinense e educar não só novos arquitetos, mas sobretudo a sociedade em geral, para estas mesmas questões?

É através de questionamentos como estes acima que surge a justificativa deste artigo. Tem-se também o ineditismo do tema abordado, a relevância urgente da discussão sobre a questão do patrimônio edificado moderno e a reafirmação da importância da educação patrimonial, tanto dentro como fora da academia, para conscientizar e mobilizar a sociedade em favor de seu patrimônio, como princípios justificativos e motivadores deste trabalho.

Faz uso, como suporte metodológico, da linha voltada para a construção da história da arquitetura, apoiando-se em autores como SERRA (2006), que propõe a pesquisa voltada para o objeto entendido como processo, interagindo com o sistema de condicionantes e aspectos que permeiam esse objeto, no caso específico, os fatos geográficos, históricos, sociais, econômicos, da época em estudo.



Aplicando ao estudo de caso, a metodologia relacionaria a imagem de Campina Grande retratada nos cartões-postais e o contexto que as viabilizava, em contraponto com a realidade atual, e a imagem contemporânea da cidade.

A pesquisa vem sendo realizada utilizando como fontes secundárias, uma seleção de cartões postais produzidos sobre a cidade nos anos 50 e 60 do século XX, bem como, informações complementares coletadas através de depoimentos e publicações que trataram do tema em pauta.

Conceituação

Sendo o principal objeto de análise deste artigo, o cartão-postal pode ser responsabilizado pela popularização da fotografia no começo do século XX, ao mesmo tempo em que também foi fundamental para a divulgação da imagem de cidades e arquiteturas por todo o mundo, com ênfase para a arquitetura moderna, que surgiu aproximadamente na mesma época do advento do postal. Até hoje, muitas das grandes obras construídas foram introduzidas ao mundo primeiramente por estas fotografias.

Um dos grandes estudiosos da questão da cartografia como modo de representar determinados valores urbanos na construção de uma imagem de cidade em comum é Hugo Segawa. Ele explana:

“A iconografia desses postais constitui um extraordinário manancial de imagens de valor simbólico, cultural, estético, etnográfico e documental, cultivadas de muitas maneiras pela cartofilia. Mais especificamente, é possível estabelecer leituras e interpretações com um foco urbanístico, paisagístico e arquitetônico, desvendando suas muitas camadas de significados..” (SEGAWA, 2016, p.2)

É fundamental, a contribuição teórica de Françoise Choay, para a conceituação de patrimônio. A historiadora, que ao publicar “A Alegoria do Patrimônio”, definiu patrimônio em suas mais variadas nuances, declara:

“A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum (...) em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, “patrimônio histórico” tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e uma mentalidade.” (CHOAY, 2001, p.11).

Além da definição principal de patrimônio, é importante conhecer as suas derivações, que podem categorizadas em patrimônio material e imaterial, de cunho histórico, cultural, e afins. Todas as nuances conceituais de patrimônio são primordiais no entendimento do contexto da conservação e preservação.

Contextualização

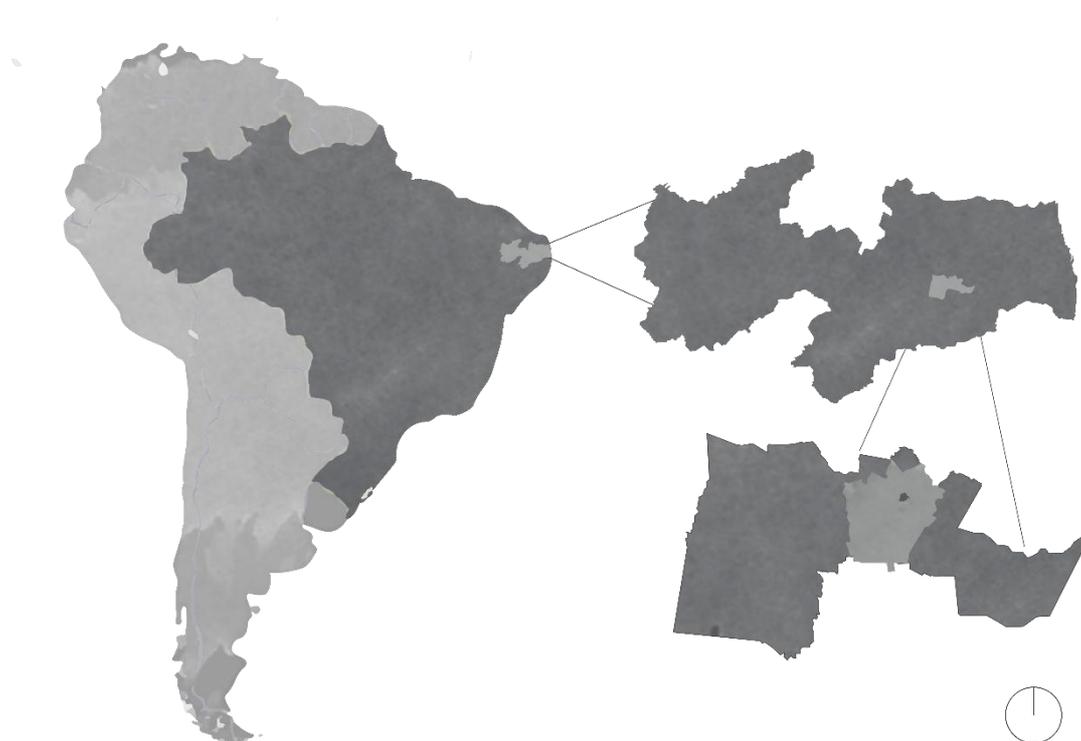


Figura 1: Espacialização da cidade de Campina Grande, na Paraíba. Fonte: fotomontagem de Igor Michel.



É importante contextualizar, espacial e temporalmente, a cidade de Campina Grande (na Figura 1), para que se entendam as transformações que fizeram a cidade assumir o formato geográfico atual, como também para tentar compreender a razão da cidade assumir as posturas que assume no que se trata de seu patrimônio construído.

Emancipada como cidade em 11 de outubro de 1864, Campina Grande fica situada na região agreste do estado da Paraíba, no nordeste brasileiro. Localizada a 555 metros acima do nível do mar, com clima tropical úmido, a cidade abriga uma população de aproximadamente 410.332 habitantes, sendo atualmente a segunda cidade mais populosa da Paraíba, ficando atrás apenas da capital do estado, João Pessoa.

Expandindo-se com a chegada da linha férrea que a ligava até Recife, em 2 de outubro de 1907, Campina viu seu traçado, até então simples, mudar para um desenho radial, com o surgimento de construções importantes, como o primeiro edifício dos Correios, o Paço Municipal e claro, a primeira Estação Ferroviária.

Reconhecida como um polo de progresso, civilidade e de modernidade, Campina ultrapassa demograficamente, ainda nos anos 20, segundo dados do IBGE, a própria capital do estado, João Pessoa, mantendo este título até a década de 60. Ainda nesta época, Campina passa por mudanças estruturais que, como sempre, são justificadas por iniciativas modernizantes. As reformas da década de 20 resolvem problemas arborização, salubridade em geral, esgotamento e pavimentação.

Já na década de 40, motivada pelo progresso trazido pela indústria algodoeira e sendo a segunda maior produtora mundial de algodão, Campina sofre intervenções que a tornam mais amigável aos automóveis. Com isso, vias são abertas e alargadas, implantam-se avenidas e concentram-se os edifícios da administração pública na área próxima à via principal da cidade, a Avenida Floriano Peixoto.

Por outro lado, muitas edificações importantes são demolidas, novamente, em prol desta marcha modernizante, como foi o caso da primeira Igreja do Rosário, e de mais de uma centena de residências próximas às vias que passaram por prolongamentos, na própria



Avenida Floriano Peixoto. Conforme o tempo passa, mais edifícios sucumbem ao crescimento da cidade, como o primeiro edifício dos Correios, como também a praça adjunta, nos anos 50.

Décadas depois, após o mesmo fenômeno que associa progresso com destruição se repetir várias e várias vezes, o governo municipal atenta-se para a questão preservacionista do patrimônio municipal e autoriza, somente em outubro de 1997, a criação do Conselho do Patrimônio Cultural de Campina Grande, para que só então se formule uma política que procure preservar não só o patrimônio material campinense, como também o imaterial, já que a cidade é mundialmente conhecida por suas festividades juninas.

Entre 1999 e 2004, foi criada e ampliada a Zona Especial de Preservação 1, que passou a proteger, de intervenções na volumetria, fachadas, coberta e formas em geral, as edificações, sobretudo em Art Déco, de um recorte do centro da cidade. É inegável notar a insuficiência desta zona de proteção para os patrimônios que se encontram fora do recorte delimitado pelo Poder Público, como também para a proteção de exemplares arquitetônicos mais recentes, como residências modernas, que são demolidas, sem muita dificuldade, por não estarem neste perímetro especial.

Hoje, Campina Grande permanece sendo referência de progresso e dinamismo industrial e comercial na região em que está inserida, exercendo forte influência no PIB do estado, e sendo conhecida como um terreno frutífero para investimentos econômicos, oportunidades na área da educação e tecnologia, como também detentora do título de Maior São João do Mundo, até os dias de hoje.

O Objeto

O principal objeto de estudo deste artigo é a realização de uma análise arquitetônica e urbanística, com foco patrimonial, da relação existente entre arquitetura, cidade e fotografia, através do vasto acervo de documentos, fotos, livros e postais do Sr. Sérgio



Ricardo Marcelino de Oliveira, guardião incansável de uma parcela bastante significativa da história de Campina Grande.

Figura fundamental para o desenvolvimento desta investigação e interessado desde pequeno na arte de colecionar relíquias dedicou-se, e ainda dedica boa parte de sua vida a resguardar estes retalhos históricos.

Não só guardou documentos oficiais, como também se deu ao trabalho de fotografar e construir sua versão própria da história de como viu Campina Grande mudar ao passar dos anos.

Porém, para o desenvolvimento deste artigo foram escolhidos, num recorte mais amplo de dez cartões postais, três para serem analisados mais a fundo. É importante lembrar que este artigo deriva-se de uma pesquisa mais extensa, que resultará em um futuro Trabalho de Conclusão de Curso do próprio autor deste artigo, que explicará de forma mais rica e ilustrativa os resultados da pesquisa realizada.

Escolheu-se a época entre os anos de 1960 a 1970 por ser uma década em que os postais se reproduziam em profusão na cidade, tanto na produção fotográfica que fomentava a fabricação dos mesmos, como na comercialização e troca destes postais. No período escolhido, Campina Grande passava por mais uma fase de modernização urbana, onde a imagem da cidade cosmopolita, pujante e promissora necessitava de exaltação e divulgação.

Nesta época, foram inaugurados alguns dos primeiros edifícios verticais de Campina Grande, como o Edifício Lucas (1963), e o Palomo (1962), por exemplo, e que serão ilustrados durante a análise dos postais.

O surgimento de torres verticalizadas em Campina Grande corrobora o fato de que a cidade externava uma imagem progressista, de vanguarda, à frente de seu tempo. Esta mensagem foi reforçada ao longo da análise de todos os postais.



As análises

Antes de se dar início a discorrer sobre a análise dos postais, é importante levantar uma importante observação: a fotografia é um elemento passível de interpretação, e não apenas uma figura portadora de certa verdade absoluta sobre aquilo que foi fotografado. Quando a intenção fotográfica era de promover certa imagem de cidade, não se fotografava o pobre, o feio, nem aquilo que estava fora dos “padrões estéticos correntes”.

Até hoje, este tipo de comportamento ainda não entrou em desuso por completo, e nem existem indícios claros de que isto deixe de ocorrer em médio prazo, pelo menos. Embora as fotografias contemporâneas abracem temáticas mais próximas da realidade comum à maioria dos cidadãos, ainda assim, é perceptível a intenção de se representar uma cidade pouco acessível e democrática, de fato, a todos.

Muito provavelmente os fotógrafos que captaram as imagens destes postais na época replicaram, mesmo que de forma inconsciente, modelos de imagem que fortalecem a mensagem dinâmica e moderna de progresso que a cidade precisava difundir ao mundo.

Derivando um pouco mais o raciocínio levantado até aqui, surge outra questão importante a ser levantada: a relação entre fotografia e história. Acredita-se que a primeira sempre conta como a segunda ocorreu, mas o processo inverso também ocorre. Como mencionado anteriormente, a história moldou, e ainda molda os olhares fotográficos.

Enquadramentos, distribuição de planos e os motivos fotográficos em si se deram num contexto histórico e social que carregaram aquele postal com significado. Portanto, podemos afirmar, com certa segurança, que nenhuma fotografia é uma representação fiel do real, e sim uma interpretação, influenciada por condicionantes temporais, sociais e também particulares, por parte do fotógrafo, do objeto fotografado. Com isso em mente, prossiga-se a análise.

Os critérios escolhidos para a análise dos cartões-postais foram baseados numa fusão de metodologias de análise de imagens que mesclam abordagens arquitetônicas, urbanísticas e fotográficas em si, buscando um parâmetro que ilustrasse a riqueza de

valores que uma única imagem pode conter ao mesmo tempo em que possibilitasse uma comparação com um presente, de modo que o contraste entre os dois momentos fosse claro o bastante para se estabelecerem contrastes nítidos entre as duas imagens.

Portanto, o local, a data – geralmente aproximada - a descrição geral do quadro fotografado, a análise da composição fotográfica, a análise arquitetônica e urbanística e por fim o estado atual dos objetos abarcam informações mais que suficientes para conclusões importantes que satisfazem a intenção da pesquisa de denunciar o estado atual de conservação do patrimônio construído campinense.

Foram escolhidos apenas postais que estão inseridos no centro de Campina Grande (Figura 2) pela escassez de imagens fora desta poligonal. Este fato já nos leva a crer que poucos olhos se voltavam para fora do centro histórico da cidade, e que os fotógrafos provavelmente teriam mais problemas em produzir imagens, digamos, “satisfatórias”, caso saíssem deste polígono.

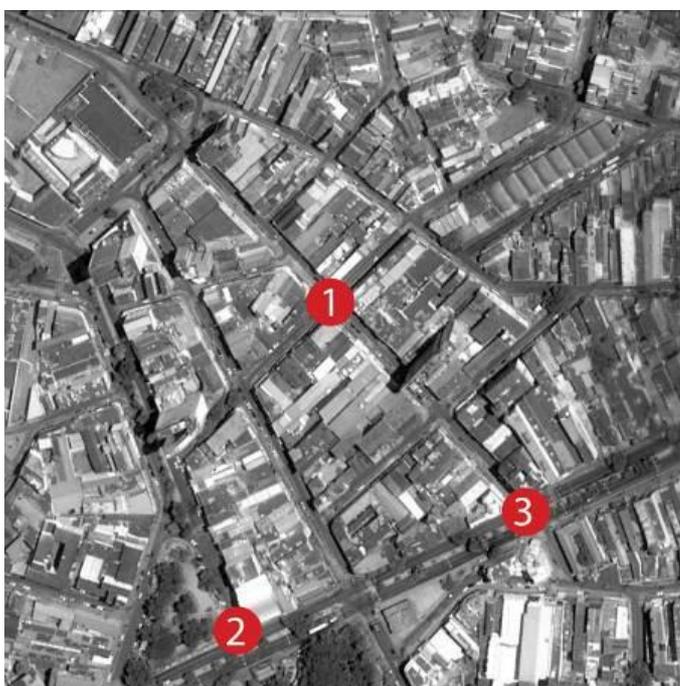


Figura 2: Localização e posicionamento do fotógrafo para réplica dos postais.
Fonte: Fotomontagem de Igor Michel.

Na Figura 3, a seguir, estão os postais escolhidos e suas respectivas imagens atuais. Lançou-se mão do recurso de fotomontagem, facilitando, assim, as comparações a serem feitas.

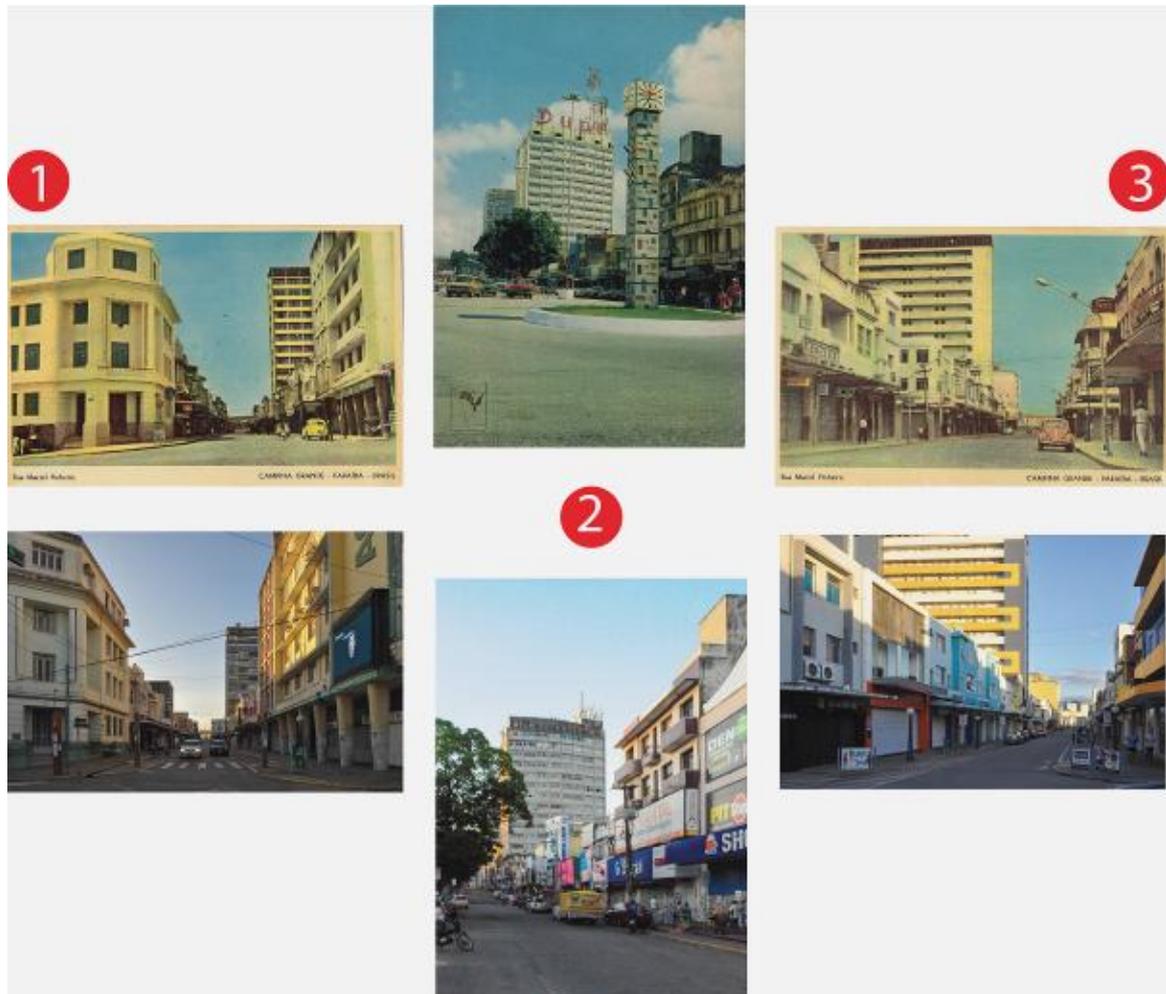


Figura 3: Fotomontagem com os postais de época e as fotos feitas na atualidade. Fonte: Igor Michel.

Após observar este fato, procurou-se escolher postais com imagens mais panorâmicas, com vistas mais abertas, a fim de se exibir a maior quantidade de informação possível para o embasamento deste artigo. Com isso, escolheram-se três imagens que foram capturadas em lugares e épocas próximas, para que as mudanças trazidas com a contemporaneidade pudessem ser mais bem comparadas.



Observando superficialmente, as diferenças entre os postais e as fotografias tiradas recentemente podem até não ser gritantes, mas um olhar mais atento revela uma verdade muito mais incômoda. Pouca coisa, nos três casos levantados, permanece igual.

No primeiro caso, temos o Edifício Palomo, construído em 1962, como a torre ao fundo que serve de ponto focal para ambas as imagens, e que junto do conjunto de construções mais térreas, destacadas pela Biblioteca Municipal, vista no lado esquerdo da imagem, formam a Rua Maciel Pinheiro, principal via da cidade em termos de comércio e varejo. Além disso, temos a Associação Comercial de Campina Grande no lado direito das imagens.

No postal, o conjunto térreo quase que por inteiro, é composto por obras em Art Déco, possuindo certa uniformidade visual e integridade construtiva.

Já na imagem atual, temos as fachadas deste mesmo conjunto tomadas por intervenções feitas para encaixe de placas comerciais, e o grande choque reside na intervenção grotesca na fachada do Edifício Palomo, que dificulta a própria leitura visual do mesmo, que perdeu seus eixos visuais horizontais com o passar dos anos.

Outra diferença que chama bastante a atenção é a ausência de o último andar vazado da torre, ocupado agora por mais um pavimento fechado. Por fim, notamos a presença de elementos “parasitários” na fachada da Associação Comercial, como esta tela de LED, com o mesmo propósito de interesse comercial.

No segundo caso, temos o edifício Lucas, projetado pelo arquiteto Hugo Marques em 1963, sendo um dos primeiros edifícios modernos construídos em Campina Grande, dialogando com um elemento visual que lembra uma torre estilizada com relógio nas imediações da Praça da Bandeira.

A ausência da mesma torre na segunda imagem é no mínimo chocante, e como pode se presumir, foi derrubada a fim de se aumentar a largura da faixa para automóveis na área. Arrematando o extremo mau gosto, notamos a infinidade de placas comerciais cobrindo as fachadas em Art Déco na Rua Marquês do Herval, decisão que tanto esconde as obras como também mascara as descaracterizações feitas nos mesmos prédios.

No terceiro e último caso deste artigo, voltamos à Rua Maciel Pinheiro, num outro ângulo. No postal temos, novamente, o moderno edifício Palomo ao fundo,



acompanhado de várias edificações mais térreas, em Art Déco, hierarquizando o caminho visual que fazemos ao ler a imagem.

Na foto atual, vemos descaracterizações seguidas que mutilaram todo o conjunto: no caso do Palomo, notamos um revestimento totalmente novo na fachada, que muda por completo a leitura da proposta visual do arquiteto, e podemos notar novamente a ausência do pavimento de cobertura vazado, substituído por mais um pavimento fechado.

Nas edificações térreas, se pode dizer que praticamente nenhuma das fachadas permaneceram intactas. Seja através da adição de novos volumes ou esquadrias, como também a colocação demais elementos parasitários, como aparelhos condicionadores de ar nas fachadas, temos uma leitura visual totalmente distinta da original, encontrada no postal.

Como ficou claro na breve análise dos três postais, as formas de descaracterização são similares: vão desde a aplicação de novos elementos, para se “adequar” os edifícios aos novos usos propostos, como o comercial, na grande maioria, como também a presença inconveniente de elementos parasitários que dão suporte às novas atividades nos prédios.

Conclusão

Como se pode ver nas imagens acima, todos os postais foram retirados do local chamado “centro histórico” campinense, zona tombada e em teoria protegida por órgãos de preservação patrimonial, como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e o IPHAEP (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico da Paraíba).

Recapitulando a quantidade de descaracterizações vistas, fica evidente a ausência de uma vigilância e fiscalização que sejam mais eficientes no combate deste tipo velado de deprecação arquitetônica, representada por outdoors, placas comerciais e condicionadores de ar.



Passado o choque imediato que os contrastes visuais trazem, questões mais profundas e inquietantes despontam. Algumas destas perguntas surgiram ao longo da pesquisa desenvolvida para este artigo, e poderão ser respondidas em outros momentos. Outras questões servem de instrumento de provocação endereçados diretamente à sociedade campinense, principal interessada na discussão destas mesmas questões.

Ao comparar estas imagens, algumas com quase 60 anos de diferença, pode-se perguntar aos campinenses, que veem estas descaracterizações acontecerem desde sempre: onde mais estariam resguardados com segurança os valores e as memórias da sociedade campinense, se não no seu patrimônio construído? Qual é a herança que as próximas gerações de Campina terão sobre sua cidade se a cultura da destruição, pregada pelo “progresso”, continua a desfigurar a história concreta da cidade?

Até que ponto os avanços modernizantes devem ser aceitos por uma sociedade, quando o preço que se paga por eles resulta no apagamento, nem sempre silencioso, mas sempre constante, do que deveria ser símbolo de orgulho de um passado bem sucedido de sua própria cidade? Seriam mesmo a modernidade e o progresso, os culpados por tamanha destruição? A quem mais interessaria o apagamento desta arquitetura histórica?

É mais do que urgente que se tomem atitudes combativas e paliativas que desacelerem tantas descaracterizações do patrimônio construído campinense, e que se desassocie a imagem de crescimento da realidade de destruição atual. Um desenvolvimento urbano sustentável pode sim acontecer respeitando-se o patrimônio, e Campina Grande, que sempre foi conhecida pelo seu pioneirismo, poderia aprender esta lição antes que sobre apenas fotografias antigas do que um dia ela já foi.

Referências bibliográficas

ABDALA, Rachel Duarte. **A Fotografia Além da Ilustração**. 2003. Disponível em: <http://www.usp.br/niephe/publicacoes/docs/Capa_Paginasiniciais_Abdala.pdf>, acesso em 30/03/17.

Carta de Burra. Em rede: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Burra%201980.pdf> f. Acessado em 20 de junho de 2015.



CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio cultural. Conceitos, políticas, instrumentos.** São Paulo: Anablume, 2009.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

SEGAWA, Hugo. **Postais como memória de modernidades.** Recife: Anais do 11º Seminário Docomomo Brasil, 2016

SERRA, Geraldo. **Pesquisa em arquitetura e urbanismo. Guia prático para o trabalho de pesquisadores em pós-graduação.** São Paulo: EDUSP, 2006.